



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



HAYANNA GOMES DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM JOVEM COM
PARALISIA CEREBRAL E DÉFICIT VISUAL: ESTUDO DE CASO COM
ACOLHIDO NA MORADA DO BETINHO**

Orientador(a): Prof. Dr^a. Quézia Vila Flor Furtado

João Pessoa/PB

2017

HAYANNA GOMES DA SILVA

**ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM JOVEM COM
PARALISIA CEREBRAL E DÉFICIT-VISUAL: ESTUDO DE CASO COM ACOLHIDO
NA MORADA DO BETINHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

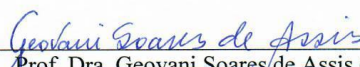
Orientador(a): Prof.^a Dra. Quézia Vila Flor Furtado

Aprovado em: 31 / 05 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dra. Quézia Vila Flor Furtado (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dra. Geovani Soares de Assis (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

S586e Silva, Hayanna Gomes da.

Estratégias de avaliação psicopedagógica em jovem com paralisia cerebral e déficit-visual: estudo de caso com acolhido na Morada do Betinho / Hayanna Gomes da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2017. 26f.

Orientadora: Quézia Vila Flor Furtado
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Avaliação psicopedagógica.
2. Casa de acolhimento.
3. Paralisia cerebral. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.015.3(043.2)

ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM JOVEM COM PARALISIA CEREBRAL E DÉFICIT VISUAL: ESTUDO DE CASO COM ACOLHIDO NA MORADA DO BETINHO

RESUMO

Este artigo baseia-se no desenvolvimento de estratégias de avaliação psicopedagógica direcionado a um estudo de caso de um jovem com comprometimentos motores e visuais residente em Casa de Acolhimento, onde tivemos como principais objetivos: Desenvolver estratégias de avaliação psicopedagógica em indivíduos com paralisia cerebral e déficit-visual, objetivando investigar fatores que contribuem para os atrasos de aprendizagens cognitivas e sociais, verificar através da observação, respostas as atividades lúdicas apresentados ao jovem e propor ações interventivas que atenda as necessidades mediante a avaliação. Através dos instrumentos Escuta/Anamnese/Entrevista Estruturada/ Observação interligadas aos instrumentos lúdicos, esta pesquisa dá ênfase no desenvolvimento de uma ação psicopedagógica integradora e personalizada no Espaço das Casas de Acolhimento, na compreensão global que envolve o jovem com comprometimentos motores e visuais e que em sua infância foi negligenciado em sua esfera cognitiva e acadêmica. As principais fontes teóricas foram direcionadas pelos estudos de Sánchez, Bonals e organizadores. (2008) e Oliveira e Bossa (2013) onde podemos verificar que as principais causas que levaram o acolhido a não adquirir as habilidades sociais e acadêmicas não podem estar associadas apenas aos fatores cognitivos, mas interliga-se a diversas causas de cunho social (vulnerabilidade/ privação da interação com o meio que o cerca etc.).

Palavras-chave: Avaliação. Casa de Acolhimento. Paralisia cerebral. Déficit-visual.

1. INTRODUÇÃO

Ao Longo da história Brasileira estudos revelam a existência de crianças e jovens em situações de vulnerabilidade que passam por processo medidas de acolhimento, privados em seu processo evolutivo ao pleno desenvolvimento psíquico e acadêmico. As negligências ao desenvolvimento saudável em indivíduos que passam por situação de risco tornam-se mais complexas quando direcionamos estudos a jovens que sofrem com paralisia cerebral e déficit-visual, residentes em casa de acolhimento, indivíduos que em seu processo evolutivo foram privados, sejam por fatores intrínsecos ou extrínsecos de compreender o mundo através de aspectos primordiais ao processo inicial das aprendizagens humanas.

Nesta perspectiva partimos do pressuposto que nos atrasos relacionados aos aspectos de aprendizagens, aquisições e competências de habilidades sociais e acadêmicas apresentadas no processo desenvolvimental destes indivíduos não podem estar restritos a um fator determinante ou cognitivo, mas poderá relacionar-se a diversos fatores de cunho social, assim como afirma Novaes (2016, p.44): “A carência prolongada de cuidados e amor materno, situações como ausência de figura materna no processo desenvolvimental do individuo da sua expressão e comunicação com o meio ambiente.”.

O interesse por esta pesquisa surgiu por intermédio do projeto: “A escolarização que promove superação de dificuldades e necessidades de vida de adolescentes residentes em casas de acolhimento” Probex/2016. Tendo como enfoque as necessidades educacionais dos acolhidos, compreendendo que a maior parte dos adolescentes devido a diversos fatores negligenciados desde primeira infância não possui as capacidades acadêmicas básicas. Antes de iniciar a ação efetiva na casa de acolhimento, houve formação com profissionais da área de educação, serviço social e direito aos estudantes de diversas áreas como letras, psicopedagogia e pedagogia a fim de refletir sobre o que envolve as casas de acolhimento e os aspectos das áreas sociais e acadêmicas dos acolhidos, tendo como principal objetivo o direcionamento dos estudantes a uma atuação coerente e significa.

Diante da realidade vivenciada por muitos jovens residentes em casa de acolhimento e durante o processo de formação e da minha participação no projeto Probex/2016 e através da análise realizada em uma das casas de acolhimento, observou-se a necessidade de incluir no processo avaliativo o caso do jovem com 18 anos com paralisia cerebral e déficit-visual residente na casa de acolhimento Morada do Betinho em João Pessoa PB, o qual estive no projeto realizando acompanhamento personalizado, o que me encaminhou a aprofundar o estudo sobre a avaliação psicopedagógica.

Nesta perspectiva a ação psicopedagógica esta direcionada não só aos aspectos de demandas de dificuldades de aprendizagens relacionadas à leitura e escrita, mas respalda-se nos seguintes objetivos que estruturam este artigo: Em desenvolver estratégias de avaliação psicopedagógica em indivíduos com paralisia cerebral e déficit-visual, objetivando investigar fatores que contribuem para os atrasos de aprendizagens cognitivas e sociais, verificar através das observações, respostas as atividades lúdicas apresentados ao jovem e propor ações interventivas que atenta as necessidades mediante a avaliação.

Direcionado por estes objetivos, este artigo traz abordagens em uma avaliação psicopedagógica em jovens com paralisia cerebral deficit-visual. Os aspectos que estruturam este estudo relacionam-se a conceituação de indivíduos em situação de vulnerabilidade, a

mediação do psicopedagogo em casa de acolhimento e estratégias de avaliação psicopedagógica em jovens com comprometimentos motores e visuais.

Para a estruturação da metodologia optou-se por um estudo de caso direcionado a uma pesquisa de abordagem qualitativa e explicativa e descritiva, norteadas por uma ação de cunho avaliativo respaldada principalmente pelos estudos de Sánchez, Bonals, organizadores (2008). Entre outras referências utilizaram-se vários autores da área da pedagogia, psicologia e Psicopedagogia, onde consideramos as análises avaliativas referentes ao estudo de caso e por fim destacamos na conclusão a importância da atuação psicopedagógica nas casas de acolhimento.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.3 CONCEITUAÇÃO DO JOVEM EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Quando falamos academicamente de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade, remetemos a sujeitos que cujo seus direitos físicos e psicológicos foram violados, indivíduos que foram privados ao pleno desenvolvimento. Para os leigos o indivíduo em situação de risco é aquele sujeito pobre, negro em situações financeiras desfavorecidas, porém a ideia que conceitua o termo vulnerabilidade é ampla, pois os indivíduos que nascem em situação de risco desenvolvem-se em um ambiente social estigmatizante onde a realidade em que se encontram é regida por normas e valores diferentes. Respalda pelo Plano Estadual de Promoção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes o termo vulnerabilidade é caracterizado da seguinte forma: “Vulnerabilidade social é um termo, geralmente, ligado a pobreza é envolve pessoas e lugares excluídos dos espaços sociais, vivendo em condições precárias de nutrição, moradia e saneamento”. (2013, pg. 30)

Podemos considerar através dos estudos realizados por Serikawa (2015), o termo do indivíduo em situação de vulnerabilidade foi introduzida através das chegadas dos Europeus na colônia Brasileira, período onde o abandono de crianças eram frequentes, pois ao serem considerados filhos fora do casamento poderiam trazer riscos às famílias de constituições tradicionais, sendo assim os menores eram menosprezados e submetidos à morte por cães ou porcos ou pereciam por situações de abandono, porém quando sobreviviam a morte eram acolhidos por famílias movidas por compaixão ou interesse meramente individualistas podendo fazer desses jovens seus criados.

No século XVIII foi desenvolvido no Brasil primeiramente nas terras Salvador (1726), Rio de Janeiro (1738) e na cidade de Recife (1789) através dos médicos higienistas as Rodas dos Expostos, uma espécie de cilindro localizado em abrigos onde crianças eram abandonadas sem identificação. O número crescente de crianças expostas à situação de vulnerabilidade crescia na medida em que a Lei Áurea e do Ventre Livre no século XIX eram constituídos aos escravos, pois estas leis aumentavam a marginalização social e na medida em que eram livres muitos não tinham como sobreviver com seus filhos, onde a única opção era o abandono dos pequenos a sistemas ilícitos ou a exposição dos menores as ruas. (SERIKAWA, 2015).

Diante do aumento de jovens em situação de risco, o Poder Judicial Brasileiro desenvolveu estratégias que pudessem diminuir o numero alarmante de indivíduos expostos a negligência, no ano de 1923 foi desenvolvido o juizado de menores tendo como principal juiz Melo Matos, O Decreto de Nº 16. 272, de 20 de dezembro de 1923 regulamentando assim a assistência e a proteção de jovens abandonados, estabelecendo as regras bem como proteção a

crianças e adolescente. Os menores expostos as ruas estigmatizados como marginais eram submetidos a um dos sistemas de abrigos que diferente de hoje eram caracterizados por ser uma entidade de sistema prisional. (SERIKAWA, 2015).

As pesquisas de Serikawa (2015) ainda ressaltam que pouco tempo depois no dia 12 de outubro de 1927 através de algumas mudanças legais e constitucionais foi desenvolvido o Decreto de Nº 17.943-43, onde trazia outras conceituações aos menores comparadas ao ano de 1923 caracterizado como código de Melo Matos, onde generalizava a situação de todas as crianças e adolescentes expostas às ruas a situação “irregular”, o documento concedia a responsabilidade dos menores de 18 anos expostos em situação de vulnerabilidade ao Estado, onde as crianças e adolescentes quando submetidas ao descuido ou abandono as ruas eram direcionadas algum parente próximo, ou aos abrigos, sistema caracterizado “humanizador”, meio pelo qual eliminou os sistemas de abrigamentos ilícitos.

Ao longo da historia varias leis foram modificadas trazendo ênfase a um dos Estatutos mais atuais (ECA 1990) Estatuto da Criança e Adolescentes desenvolvidas pelas Nações Unidas em 20 de novembro, incluso no Plano Estadual de Promoção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes, desenvolvendo novas conceituações a respeito das características que envolvem os menores em situação de vulnerabilidade, considerando os aspectos desenvolvimentais constituídos por leis, adotando não só a responsabilidade do individuo a família e estado mais a sociedade. De acordo com o Plano Estadual de Convivência Familiar e Comunitária, (2013), destaca a obrigatoriedade da família e estado em assumir a responsabilidade aos danos que causem impacto em todas as áreas sociais que vivem expostas muito crianças e adolescentes em nosso Brasil.

Ao longo da historia brasileira as medidas de proteção ao individuo em situação de vulnerabilidade mudou em sua esfera constitucional, porém podemos considerar as evidencias que caracterizava o individuo em situações de risco retratado no ao longo dos séculos assemelha-se aos fatores e conceituações caracterizadas em pleno século XXI. Tomemos por exemplo as causas que levam ao aumento alarmante de jovens mortos podem estar diretamente interligado a violação de alguns direitos, fatores primordiais ao desenvolvimento humano, podendo ser negligenciados desde primeira infância. Cardoso (2015) em um dos seus artigos enfatiza que uma das principais causas de morte de acordo com o Sistema de Informação Sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM) entre jovens de 15 a 29 anos estar associado ao homicídio, onde a maior parte destes jovens marginalizados por sua cor e classe social, fatores visto como racismo por pesquisadores em núcleo de pesquisa.

Os fatores que podem levar o individuo passar por situações de vulnerabilidade social são diversas: negligência familiar consumo de drogas e álcool, exploração física e psicológica etc. Os contextos em que esta situação conflituosas podem estar relacionada a comunidade em que o individuo reside, contexto escolar e principalmente ao espaço familiar. De acordo com o plano Estadual de Proteção de Crianças e Adolescentes (2013): O contexto familiar e caracterizado por ser um espaço de proteção e cuidados e amor materno, porém a controvérsias, pois este contexto pode ser caracterizado por um espaço de violação de direitos de muitas crianças e jovens.

As causas que podem levar a violação desses direitos podem estar interligadas: abandono a desestrutura familiar, uso de drogas ao aliciamento infantil, em sua maior instância e complexidade a situação de vulnerabilidade não só atingi um individuo, mas pode

ser uma situação passada de geração para geração. Todas essas variáveis devem ser levados na complexidade que norteia o indivíduo em situação de risco, pois por traz do índice de cada jovem exposto a negligência existe históricos de vida que se diferenciam, traumas da infância ou adolescência que trazem grandes repercussões desenvolvimentais, sociais e acadêmicas como afirma Novaes (2016, pg. 46): “Assim chega-se a conclusão de que a carência afetiva materna não só produz choque imediato, mas deterioração progressiva”.

Quando a família por diversos motivos não pode cumprir com a responsabilidade que lhe foi constituída, o estado tenta desenvolver estratégias ou medidas de proteção respaldadas pelo art. 98 do Estatuto da criança e adolescentes (ECA) podendo-se afirmar que estas medidas só podem ser aplicadas por seguintes motivos “ Por razão ou omissão da sociedade ou estado; por falta, omissão ou abuso dos pais e responsável e em m razão da sua conduta”. As medidas constituem-se em ações aplicadas pelo Estado a partir do (ECA) respalda no art.101, tendo como principal objetivo a proteção do indivíduo que sofreu algum tipo de violação em sua esfera constitucional, as ações direcionada a criança ou jovem em situação de risco podem ser diversas: direcionamento ao encaminhamento desses indivíduos a família por intermédio de um encaminhamento, orientação e apoio por um determinado tempo e até mesmo a institucionalização desses indivíduos em casas de acolhimento.

Hoje as casas de acolhimento desenvolvem conceituações diferentes quando comparadas no início das institucionalizações no ano de 1923, de acordo com O Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes (2013) direcionado pelo estatuto ECA: estes espaços caracterizados como medida excepcional e provisória traz enfoque na proteção de indivíduos que foram negligenciados em sua esfera física e psicológica, onde a prioridade esta pautada na liberdade do direito a convivência social e comunitária, sendo o ultimo meio pelo qual a criança ou jovem pode ser submetido.

Estas instituições de acolhimento interligadas as medidas respaldadas pelos poderes executivo, legislativo e judiciário podem ser um espaço que propicie o fortalecimento da identidade, espaço de construção de autonomia e desenvolvimento de aprendizagens. Porém as casas de acolhimento que não prioriza estratégias de desenvolvimento de autonomia, de construção de conhecimentos e construção emocional poderá ser mais um meio de estigmatização e exclusão social, podendo trazer grandes repercussões assim como respalda no Plano Estadual de Promoção, Proteção e Defesa do Direito a Criança e Adolescente á Convivência Familiar e Comunitária (2013, pg.30) podendo trazer riscos a muitas crianças e jovens “O risco do trabalho realizado pelas instituições que o recebem; constituem os abusos praticados pelos profissionais que são encobertos por uma estratégia de funcionamento que exclui a participação social” .

Com embasamento em todos esses aspectos podemos afirmar que quando aprofundamos historicamente os estudos ao termo que conceitua o indivíduo em situação de social estigmatizante percebemos a complexidade dos fatores que norteiam muitas crianças e jovens que passam por situações de vulnerabilidade social, sendo em seu contexto familiar ou em sua esfera institucional. Porém os estudos devem estar direcionados não só aos fatores que conceitua o indivíduo em situação de vulnerabilidade, mas devem desenvolver na compreensão dos aspectos que contribuem para que hoje muitos jovens vivenciem esta situação de desvantagem social, pois compreendemos que muitos não escolhem passar por situação social estigmatizante, pois em maior parte esta é a única opção pelo qual ele foi submetido.

2.4 DESENVOLVIMENTO DA MEDIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NAS CASAS DE ACOLHIMENTO

Quando refletimos sobre a atuação do psicopedagogo no espaço das casas de acolhimento podemos afirmar que se diferencia em alguns aspectos do espaço escolar ou clínico, pois as avaliações e propostas interventivas nestes contextos tornam-se mais complexas diante das realidades sociais vivenciadas por muitos jovens e adolescentes. Porém vale salientar que não há mais dúvidas quanto aos aspectos teóricos e metodológicos, onde por muito tempo a psicopedagogia passou a beber da fonte de outras áreas como a psicanálise, pedagogia, fonoaudiologia e até psicologia, diferenciando-se e testificando-se diante das ações do processo que envolve o ensino e aprendizagem.

No século XVIII pensava-se a psicopedagogia apenas em uma visão orgânica onde médicos de diversas áreas como psiquiatria e filósofos no período do iluminismo justificavam os problemas de aprendizagens direcionadas pela medicina moderna, desenvolvida pela apreciação das patologias humanas e cognitivas no processo que se desenvolvia na justificativa dos índices dos problemas de aprendizagens assim como destaca Oliveira e Bossa (2012, pg.09):

Essa crença que perdurou até fins da década de setenta norteou os procedimentos psicopedagógicos imprimindo na avaliação psicopedagógica o caráter de medidas e faltas, ou seja, avaliação como identificação dos déficits, orientando como plano de intervenção com vista a suprir tais deficiências. Os motivos da franca aceitação desses pressupostos como justificativa para os terríveis índices de problemas de aprendizagens no Brasil.

Estes pressupostos teóricos que direcionavam a ação psicopedagógica no Brasil em meados do século XVIII serviam para limitar a compreensão de todos os índices que envolvia as dificuldades de aprendizagens instaladas no indivíduo, sendo mais um meio de estigmatização ou estereotipia. Porém a ideia da conceituação histórica que direcionava atuação psicopedagógica no Brasil não é o que queremos atentar neste artigo, mesmo sabendo que é imprescindível a compreensão dos processos orgânicos no desenvolvimento de propostas avaliativas, pois se compreendemos em sua esfera cognitiva e maturacional, colhemos dados que se testifica apenas como um dos fatores que se interliga a outras causas que levaram o indivíduo ao não aprender e consequentemente serviram de meios para o desenvolvimento de estratégias interventivas.

Diante desta perspectiva, a ação psicopedagógica nas instituições de acolhimento deve ser direcionada por uma atuação ampla dos processos que envolvem o ensino e aprendizagem, principalmente quando atuamos com jovens com paralisia cerebral e deficit-visual. No livro de avaliação psicopedagógica Sánchez, Bonals e organizadores. (2008, pg. 224) dão ênfase na conceituação de indivíduos em com paralisia cerebral e deficit-visual em sua fase desenvolvimental da seguinte forma:

[...] Uma grande proporção de crianças com danos cerebrais apresentam problemas visuais de algum tipo, os quais podem decorrer de uma visão embaralhada, de dificuldade de problemas oculares ajustados ou de análise, compreensão ou movimento por meio do mundo visual. [...] Além disso agrava-se, pelo fato de que os alunos

muito afetados tem dificuldade de controlar a postura, o que atrapalha o enfoque e produz um atraso perceptivo.

Considerando estes aspectos podemos afirmar que enquanto maiores as dificuldades de ordem cognitivas e sociais desenvolvidas no indivíduo, maiores serão as necessidades e consequentemente maiores devem ser as propostas interventivas, pois de acordo com um dos estudos realizados por Novaes (2016) destaca que as crianças negligenciadas em sua esfera psicológica e social, privadas de afeto materno, em seu desenvolvimento apresentam regresso principalmente nas áreas psicomotoras, linguagem, percepção e da inteligência fatores que trazem repercussões em sua adolescência e juventude.

A ação do educador social no espaço de acolhimento destaca-se na compreensão da dos aspectos globais que envolvem o indivíduo, direcionada a atuação de enfoque na educação não- formal assim como destaca Gohn (2014, pg.40):

[...] Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades meios, formas variadas, assim como a multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não-formal não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal, não é espontâneo por que os processos que o produz têm intencionalidade e propostas.

A ação mediante o caso de indivíduos com comprometimentos motores e visuais residentes em casa de acolhimento devem ser ampla e devem estar em constante construção, trabalha-se nas possibilidades desconstruindo a ideia que o psicopedagogo é o “Salvador da Pátria”, envolve dinâmica com todos que compõe o espaço de acolhimento, desenvolve-se em uma atuação não formal, esquematizada no desenvolvimento de metodologia flexível interligada ao cotidiano do jovem, direcionada pelos parâmetros éticos que conduz a atuação psicopedagógica.

Todos os profissionais que são responsáveis pelo processo desenvolvimental do jovem no espaço de acolhimento devem ser pontes facilitadoras no processo que envolve a dinâmica do ensino e aprendizagem, devem levantar cotidianamente reflexões diante da realidade vivenciada, permitindo a construção de mudanças. O mediador nunca deve estar confortável diante das dificuldades que envolvem os processos de ensino e aprendizagens de cada indivíduo e as dificuldades apresentadas pelos profissionais da casa, proporcionando meios e espaços para a dinamização das aprendizagens. Sánchez, Bonals e organizadores. (2008, p.96) ainda destacam: “[...] Podemos aderir à construção de redes de colaboração com os outros serviços das áreas para dinamizar”.

Quando compreendemos a proposta que direciona a atuação do psicopedagogo no contexto das institucionalizações de acolhimento e o verdadeiro conceito respaldado apenas o que envolve o processo de aprendizagem nestes espaços, podemos dizer que a atuação do profissional psicopedagógico assemelha-se atuação de um protagonista e os demais profissionais tornam-se coadjuvantes, trata-se de uma ação integradora, onde todos se interligam realizando ações eficazes: “Não se trata apenas de invocar a necessária

coordenação de todos os serviços envolvidos, mas sim de propiciar a responsabilidade compartilhada que se tem em cada situação. Na medida em que fazemos parte da rede social, somos obrigados a levar em conta e a compartilhar a responsabilidade na atenção que é preciso dar”. Sánchez, Bonals e organizadores. (2008, p.11).

Nesta perspectiva, as propostas interventivas só poderão ser significativas e coerentes se o psicopedagogo esvaziar-se de si para compreender o acolhido em processo de construção e os demais profissionais que contribuem neste processo assim como afirma Sánchez, Bonals e organizadores (2008, p.85). “Além disso, sabemos que favorecer relações de colaboração, cooperação e confiança mútua entre os ambientes facilita o desenvolvimento e o potencial de mudança”. Diante dessas referências podemos afirmar que o psicopedagogo poderá desempenhar uma ação eficaz rejeitando qualquer forma de preconceito, desenvolvendo-se em uma ação humanizadora na reflexão cotidiana do melhor ensinar a aprender.

Esta reflexão de uma ação multidisciplinar deve estar baseada na compreensão dos aspectos desenvolvimentais do indivíduo, objeto de estudo de caso, porém quando não podemos mudar a realidade vivenciada em sua infância ou adolescência, a análise do jovem em seu contexto atual é imprescindível, assim como afirma Oliveira e Bossa (2012, pg.14): “[...] É do lugar em que é colocada que a criança se vê. É esse lugar em que se vê que estabelece seus limites e possibilidades”. Porém de acordo com Oliveira e Bossa a compreensão da criança ou jovem em seu contexto atual não nos direciona ao embasamento para descartar a importância do indivíduo em contexto familiar considerando as estruturas parentais e a dinâmica familiar como fator primordial no processo de ensino e aprendizagem ou um dos fatores que nos leva a compreensão de determinadas dificuldades presentes no indivíduo.

Compreendendo que o interesse do indivíduo pela aprendizagem desenvolve-se a partir do contexto familiar, principalmente na relação com a figura materna, mesmo que este jovem tenha comprometimentos motores e visuais, esta construção do mundo pode ser despertada no momento que ele nasce, porém este desenvolvimento fica limitado quando a família por diversos motivos, como exemplo a vulnerabilidade social não pode desempenhar com a responsabilidade que lhe foi constituída como assim é considerado no Plano Estadual de Promoção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes a Convivência Familiar e Comunitária (2013, pg.22): “ As funções, deveres e papéis adequados fazem parte de um desenvolvimento saudável”.

Neste sentido compreendendo a ação dos educadores nas casas de acolhimento direciona-se ao cumprimento direitos que não foram estabelecidos na esfera familiar, quando retomamos o que a autores Oliveira e Bossa compartilham consideramos a forma como é construído o mundo do acolhido no espaço institucional é de extrema relevância, pois a partir dela que podemos perceber o desenvolvimento do mesmo. Não se trata de mudar a realidade vivenciada por muitos jovens em sua fase desenvolvimental ou as frustrações e dificuldades que a maior parte dos acolhidos trazem consigo, mas torna-se obrigação dos profissionais psicopedagógicos ensinarem a todos que compõem este espaço, a saber, lidar com as situações cotidianas, direcionando perspectivas, desenvolvendo habilidades concedendo orientações aos profissionais, utilizando-se de instrumentos eficazes e coerentes a realidade vivenciada, podendo assim contribuir na minimização dos problemas correspondentes ao hoje, diminuindo as dificuldades e frustrações inerentes ao amanhã.

2.5 COMO DESENVOLVER ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM JOVENS COM COMPROMETIMENTOS MOTORES E VISUAIS

As crianças ou jovens com paralisia cerebral apresentam atrasos nas questões que envolvem o desenvolvimento de aprendizagens sensoriais, dificuldades de compreender o mundo através de aspectos primordiais ao desenvolvimento humano, um deles podem relacionar-se ao comprometimento visual. Pesquisas realizadas por Sánchez, Bonals e organizadores. (2008) enfatizam que 25% a 50% de crianças que apresentam paralisia cerebral podem ser afetados por algum problema visual, podendo ocasionar dificuldades cotidianas e acadêmicas.

Diante das dificuldades apresentadas por crianças ou jovens com paralisia cerebral e déficit- visual, levantamos reflexões que podem direcionar educadores dentro do espaço de acolhimento a uma avaliação efetiva e específica para estes indivíduos que sofrem com estes determinados comprometimentos. Inicialmente as reflexões nos levam as seguintes indagações: De que forma podemos avaliar um jovem com paralisia cerebral e déficit-visual? Quais instrumentos podemos utilizar? Que aspectos deveremos levar em consideração no momento da avaliação?

Compreendendo que a avaliação psicopedagógica parte quase sempre de demandas educacionais específicas que levam o indivíduo ao não aprender, á análise que realizamos em jovens residentes em casa de acolhimento com comprometimentos motores e visuais podem estar interligadas ou associadas a intervenções realizadas com o mesmo, pois na medida em que avaliamos desenvolvemos estratégias de aprendizagens específicas e continuas assim como afirmar Sánchez, Bonals e organizadores (2008, pg.16): “Trata-se de um processo por que não se reduz a uma atuação pontual ou algumas atuações isoladas, mas tem início e uma continuidade de atuações inter-relacionadas, destinadas a compreender o fato de ensinar e aprender”. De uma forma mais aprofundada Sánchez, Bonals e organizadores ainda destacam que avaliação psicopedagógica desenvolve-se através de coleta de informações concedidas por todos que compões o espaço institucional a fim de analisar as informações inerentes as dificuldades apresentadas pelo indivíduo e consequentemente realizar as decisões necessárias.

Para compreendermos as dificuldades e habilidades apresentadas pelo indivíduo, objeto de estudo de caso é necessário à utilização de diversos instrumentos, mas para esta proposta avaliativa correspondente ao indivíduo com paralisia cerebral e deficit-visual residente na casa de acolhimento iremos destacar apenas cinco: escuta-anamnese, entrevista estruturada a observação interligada as propostas de atividades lúdicas. Estes instrumentos serão meios significativos neste processo de coleta de informações. “Não se trata tanto de identificar os meninos ou as meninas que vivem em situação de desvantagem social, mas sim de considerar que todos têm o mesmo direito, e, por, tanto, de promover medidas e proporcionar recursos ”. SÁNCHEZ, BONALS e organizadores. (2008, p. 122).

Os instrumentos pelo qual coletamos dados devem estar respaldada na compreensão de toda a fase desenvolvimental que engloba o indivíduo, e um desses instrumentos refere-se anamnese interligada a escuta realizada inicialmente com os profissionais, salientando que a escuta não é um instrumento específico da psicopedagogia, mas em alguns momentos servirá de coleta de informações que poderá ser acrescentada na anamnese. Sampaio (2010, pg.143) em uma de suas publicações destaca a importância específico deste instrumento: “[...] por meio dela nos serão reveladas informações do passado e do presente do sujeito, juntamente

com as variáveis existentes em seu meio”. Sampaio ainda destaca que este instrumento nos permite a observação da visão da família, as críticas e os preconceitos visando todos os aspectos que são colocados sobre o jovem. Porém devemos destacar que devido a diversos problemas de cunho social apresentadas pelo acolhido, quando não podemos compreender de forma inerente desde gestação, a coleta destas informações pode ser baseada desde momento da institucionalização do jovem.

Podemos destacar também a entrevista estruturada realizada com os demais profissionais que acompanham o indivíduo desde momento do acolhimento, apresenta-se como um instrumento primordial neste processo de coleta de informações, pois concedi ao educador direcionamento de como proceder nas intervenções seguintes assim como destacam Sánchez, Bonals e organizadores. (2008, pg. 64): “[...] A informação que obtemos por meio da comunicação analógica e do tipo de relação que estabelece complementa as produções realizadas e as enriquece ao mesmo tempo em que nos fornece pistas mais adequadas que o psicopedagogo pode usar”. Neste sentido a avaliação realizada nas instituições de acolhimento e demais instituições que o indivíduo é acompanhado, implica na relação entre o jovem com sua história de vida pessoal e modalidade de aprendizagem.

Porém a entrevista com os profissionais não podem ser o único meio pelo qual avaliamos, pois a observação minuciosa realizada continuamente poderá ser um elemento que contribuirá para a investigação que envolve o desenvolvimento do indivíduo. A observação interligada as atividades lúdicas permite ao investigador a análise das diferentes reações transmitidas, através da interação que o indivíduo realiza com o meio que o cerca e que os objetos que lhe é proporcionado no momento das intervenções, dessa forma podemos perceber suas habilidades seus anseios e outras possíveis dificuldades que não foram relatadas no momento da entrevista. Oliveira e Bossa (2012, pg.14.) dão ênfase neste modo de avaliar a criança ou jovem na interação com o mundo que o cerca: “[...] As ações sem intencionalidade, inibição, instabilidade, lentidão, dificuldade de comunicação interpessoal, comportamentos estereotipados, alterações na gestualidade, hipo ou hiperatividade expressam comunicação a serem observadas e que expressam o modo de relação desse corpo com o mundo”.

Partindo desta ideia da observação a partir dos objetos lúdicos que são proporcionados ao jovem com determinados comprometimentos motores e visuais, este modo de avaliar desenvolve vínculos e permite ao psicopedagogo uma análise minuciosa dos aspectos que envolvem as dificuldades cognitivas, podendo também se um meio pelo qual o jovem poderá desenvolver-se na nas estruturas mentais. Oliveira e Bossa (2012, pg. 96) destacam o desenvolvimento das estruturas cognitivas da seguinte forma: “O cérebro em desenvolvimento é uma estrutura extremamente plástica. Ainda que muitas regiões não possam estar bem conectadas, outros como córtices cerebrais estão abertos a diversas influencias, como intrínsecas como ambientais”.

A aprendizagem tem função integradora, ligado ao desenvolvimento psicológico, denotando estímulos ambientais e a possibilidades de interação e adaptação da pessoa a realidade ao longo da vida, sofrendo múltiplas influencias de fatores ambientais e individuais, ao longo do desenvolvimento a construção da psique se faz por meio de conflitos de aquisições, sendo a aprendizagem o produto final da interação e das necessidades que vão se modificando de acordo com a realidade vivenciada em seu desenvolvimento. Neste sentido a observação permite ao investigador à avaliação das diferentes reações transmitidas considerando assim o ritmo do processamento das informações as dificuldades e habilidades

apresentadas, através da interação que este faz com o meio que o cerca e que os objetos que lhe é proporcionado no momento da intervenção podemos coletar informações que possivelmente não foram relatadas no momento da entrevista pelo profissional que o acompanham podendo propor ações interventivas.

Partindo da compreensão que cada sujeito é único com histórico de vida que se diferenciam, sendo assim avaliar é processo complexo que envolve dinâmica, sensibilidade para compreender os diferentes comportamentos nos diferentes contextos que engloba o aprendiz. Neste sentido Sampaio (2008) em uma de suas publicações afirmar em maior parte torna-se difícil para o profissional educacional olhar de forma diferenciada para o aprendiz, compreendendo em maior parte como vítima de seu próprio contexto em que nasceu. Sendo assim para que a avaliação seja significativa é necessário que a equipe multidisciplinar proporcionem tempo contribuindo para a estimulação e desenvolvimento do indivíduo e espaço para que haja uma intervenção efetiva. Dessa forma o educador levando em consideração o ritmo do jovem e possíveis dificuldades apresentadas poderão trabalhar aprendizagens que não foram estimuladas em seu desenvolvimento, aprendizagens específicas que vai muito além da leitura e da escrita, podem ser desenvolvidas através da interação do indivíduo com o meio e com recurso que lhe é proporcionado.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se em uma abordagem qualitativa, descritiva e explicativa onde a pesquisadora optou por um estudo de caso direcionado a um enfoque avaliativo. As abordagens avaliativas inicialmente norteadas pelos estudos Sánchez, Bonals e org. (2008) traz reflexões significativas de processos avaliativos em indivíduos com diferentes dificuldades, podendo direcionar a melhor estratégias avaliativas.

O desenvolvimento desta pesquisa foi realizado através de diversos estudos teóricos e formações direcionados pelo projeto: “A Escolarização que Promove Superação de Dificuldades e Necessidades da Vida de Adolescentes em Casas de Acolhimento”. Teorias norteadoras para a ação realizada na casa de acolhimento, podendo assim compreender de uma forma mais detalhada os diferentes perfis dos jovens institucionalizados.

A avaliação foi desenvolvida no período de cinco meses com um jovem de 18 anos diagnosticado com paralisia cerebral e déficit-visual, residente na Casa de Acolhimento Morada do Betinho em João Pessoa PB. A coleta de informações primordiais para a investigação de fatores que contribuem para os atrasos de aprendizagens cognitivas e sociais realizado com o indivíduo referente ao estudo de caso foram desenvolvidas com os profissionais responsáveis pelo jovem na casa de acolhimento (cuidadoras) e fisioterapeuta, fonoaudióloga que acompanham o jovem em outro contexto, podendo assim investigar o caso de forma detalhada. Sendo assim a o levantamento de dados foi direcionado em nove etapas:

- Etapa realizada no dia 21 de junho 2016: Direcionada a realização da solicitação do estudo de caso e em seguida direcionada a realização da escuta com a cuidadora e uma atividade pedagógica (leitura de um livro). No primeiro momento a escuta concedeu o conhecimento prévio dos aspectos que envolvem o indivíduo, motivos que levaram a institucionalização, as dificuldades psicomotoras e visuais instaladas no mesmo, as habilidades sensoriais desenvolvidas. O segundo momento objetivou o desenvolvimento de vínculos, e observação do grau de comprometimento motor, visual e de interação social.

•Etapa realizada no dia 28 de junho 2016: Partindo da escuta realizada com a cuidadora e a observação realizada anteriormente, onde a partir dos aspectos sensoriais especificamente a audição foi realizada uma atividade lúdica de discriminação de sons (maleta com chocalhos com diversos sons), objetivando o desenvolvimento de vínculos, a observação da intenção motora, auditiva e o nível de atenção e interação do indivíduo perante o objeto.

•Fase realizada no dia 12 de julho de 2016: foi direcionada a realização da anamnese realizada com uma das cuidadoras sociais, que acompanha o jovem desde momento da institucionalização, objetivando compreender de forma minuciosa o desenvolvimento do jovem e fatores que levaram o indivíduo ao não aprender.

•Fase: ocorreu durante entre o período 19 e 27 de julho e 02,09 e 17de agosto objetivando a observação de respostas de aspectos que envolvem as questões sensoriais através de instrumentos lúdicos:

•**Massa de modelar caseira:** observação da interação do participante com a cuidadora, observação da intenção olfativa e degustativa e da condenação motora fina, avaliação de expressão gestual diante do objeto (renuncia com as mãos, risos e gargalhadas).

•**Música:** observação ritmo e intenção motora (balançar a cabeça) e expressões faciais (risos, gargalhadas.)

•**Balão e Meleca:** observações do nível de atenção e concentração e de expressões gestuais ao secar e encher o balão (risos, gargalhada ou susto),.

•**Tabuleiro sensorial:** objetivou a estimulação da coordenação motora fina, noção de preensão do objeto (Eva) a partir da intensidade do som realizado no momento do manuseio do participante

•Etapa exercida nos 04 de outubro de 2016 objetivou a realização de uma entrevista estruturada com a fisioterapeuta que acompanha o jovem a três anos a fim de compreender a teoria que direciona a prática da profissional, os aspectos avaliados no jovem no início do atendimento a evolução do mesmo.

•Exercida no dia18 de outubro de 2016 direcionada a uma entrevista com a fonoaudióloga objetivando investigar as teorias que norteiam a prática da profissional com o jovem, a forma em que o jovem se comunica o nível de linguagem em que o mesmo se encontra e desenvolver reflexões de propostas interventivas direcionadas ao cotidiano do aprendiz.

•Etapa realizada no 01 de novembro, direcionada a ida a equoterapia através do encaminhamento realizado pela fisioterapia, objetivando a matricula do jovem neste espaço.

•Etapa realizada no dia 09 e 10 de novembro: Orientações aos cuidadoras que acompanham o aprendiz em seu cotidiano na casa de acolhimento, com fim de respaldar a importância que todos os profissionais têm no desenvolvimento do jovem e a importância da estimulação sensorial para o desenvolvimento de habilidades não adquiridas na fase desenvolvimento do indivíduo e o retorno do trabalho realizado com o mesmo.

•Direcionada a realização da pasta objetivando o anexo de todas as atividades realizadas com o indivíduo e apresentação do trabalho realizado no encerramento do projeto

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentaremos um estudo de caso tendo como enfoque as teorias norteadas principalmente pelos estudos de Sánchez, Bonals e organizadores. (2008, pg.09) que compreende a avaliação psicopedagógica como única e identificadora:

Mais uma vez estamos diante de um tema que nos parece muito nosso; a avaliação psicopedagógica. É nosso por que desde origens, o tema da avaliação acompanhou os profissionais da psicopedagogia como uma de suas características identificadoras. Nosso por termos contribuindo para o seu desenvolvimento, reconceituação e adaptação ao ambiente educacional.

Direcionados por estes pressupostos teóricos no primeiro momento após o consentimento da coordenadora para a realização da avaliação do estudo de caso com o jovem e observação da pasta contendo em anexo alguns dados do mesmo e a realização da escuta com uma das cuidadora, detectou-se que o estudo de caso trata-se de um jovem de 18 anos diagnosticado com paralisia cerebral e que apresentava deficit-visual residente na Casa de Acolhimento Morada do Betinho há três anos. Neste mesmo dia também foi realizado uma leitura de um livro com o jovem a fim de desenvolver interação com o mesmo, porém não foi possível naquele momento obter respostas do individuo diante do objeto e o desenvolvimento de interação do participante com a observadora, pois de acordo com a cuidadora o jovem estaria doentes (gripado).

Na semana seguinte observou-se a necessidade de realizar a anamnese com a cuidadora que acompanha o participante desde momento de sua institucionalização com o objetivo de compreender de uma forma mais detalhada o desenvolvimento do jovem e os motivos que levaram a medida de acolhimento. De acordo com relato da apoiadora o jovem antes de residir na casa acolhimento morava com sua avó materna, sendo o mais novo de dois irmãos, sendo um com necessidades especiais até então desconhecida pela mesma. Quando questionado os motivos que levaram a medida de acolhimento, as principais causas que levaram o jovem a institucionalização foi a negligência e abandono por parte dos familiares, onde o jovem em sua infância e adolescência foi privado durante 15 anos de compreender o mundo e consequentemente desenvolver-se nas habilidades cognitivas e sociais.

De acordo com o relato respaldado pela cuidadora no momento da realização da anamnese, a família que mantém contato esporádico com a casa relatou aos profissionais que a mãe do participante teve uma gestação conturbada, usava drogas e era agredida pelo marido, situação que levava a vulnerabilidade da mesma e a ausência durante toda a infância do filho e ao desenvolvimento das dificuldades motoras e visuais presentes no mesmo, já que não foi relatado se o jovem sofreu algum acidente que poderia ter ocorrido durante o período em que esteve no contexto familiar ou durante o período que passou a residir na casa de acolhimento. Neste sentido retomemos o que Novaes ressalta (2016, pg.44) a respeito da importância figura materna na fase desenvolvimental do individuo na compreensão dos aspectos de aprendizagens e aquisições e competências cognitivas, psicomotoras, afetivas e sociais ocorrida neste processo onde não podem estar restritos a um fator determinante, mas poderá relacionar-se a diversos fatores: “A carência prolongada de cuidados e amor materno, situações como ausência de figura materna no processo desenvolvimental do individuo da sua expressão e comunicação com o meio ambiente”.

Todas essas variáveis cognitivas (paralisia cerebral) e sociais (vulnerabilidade social) levaram o jovem a desenvolver diversos problemas de saúde onde de acordo com o que foi relatado o mesmo ao chegar na casa apresentou convulsões, não especificando o quanto, porém um delas forte, desnutrição e gripes constantes, sendo um dos principais motivos que levaram o participante a não ingressar na escola no momento do acolhimento.

Em relação a sua adaptação na casa acolhimento, ao chegar a casa nos primeiros meses o jovem apresentava um sono conturbado, reações de medo e agressividade com todos que o cercavam nos espaço de acolhimento e os demais profissionais (fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudióloga etc.) que o acompanhava em outros contextos. Durante o período em que o jovem passou a residir na instituição de acolhimento passou a receber alguns tratamentos de saúde, um deles foi psicológico e psiquiátrico e os cuidados de todos que o cercavam, adaptando-se a rotina a casa, passando a desenvolver-se nos aspectos afetivos e sociais, onde geralmente não apresenta mais as reações de medo ou agressividade apresentadas no início de sua institucionalização, testificando assim o que Oliveira, Bossa (2013, pg. 14) ressaltam: “[...] É do lugar em que é colocada que a criança se vê. É esse lugar em que se vê que estabelece seus limites e possibilidades”.

Quando relatado a respeito das habilidades sensórias- motor, durante o período dos três anos que o participante reside na casa, foi observada uma evolução significativa nos movimentos inferiores (deita-se, senta-se), porém o jovem não anda e não possui autonomia na realização de pequenas atividades (alimenta-se, vestir-se etc.), onde cotidianamente utiliza-se de uma alimentação pastosa através da mamadeira. Quando a entrevista foi direcionada as questões de desenvolvimento de habilidades sensórias o participante não apresenta dificuldades auditivas, porém nas questões envolve as habilidades visuais foi relatado que o mesmo passou por um procedimento oftalmológico, onde devido algumas reações de agressividade no momento da avaliação não foi possível completar a realização do exame, porém foi testificado pelo oftalmologista que o mesmo possui uma deficiência visual em que não foi possível avaliar o grau de comprometimento.

Em relação a sua comunicação o jovem apresenta algumas palavras esporádicas utilizadas no cotidiano como (passear, deitar, nomes dos profissionais) não apresentando assim uma comunicação dialógica e contextualizada. Em relação à percepção do jovem com o meio que o cerca o mesmo percebe quando os acolhidos da casa estão agitados ou quando os adolescentes concedi carinho, expressando-se através de comunicação gestual (bater e chutar, abraçar).

Após a coleta de dados realizada com a apoiadora social através da anamnese foi avaliado através da observação direcionada por instrumentos lúdicos apresentados ao jovem as capacidades sensoriais, sociais e afetivas apresentadas pelo mesmo. Nos seguintes atendimentos as propostas das atividades apresentadas ao jovem durante o período dias de cinco dias, direcionada as habilidades que o mesmo já havia desenvolvido durante a sua infância relacionada à audição e nas habilidades que precisaria desenvolver-se relacionada à coordenação motora (manuseio do objeto, preensão) podendo assim avaliar as diferentes reações do participante diante dos instrumentos assim como afirma Oliveira e Bossa. (2012, pg. 14): “[...] As ações sem intencionalidade, inibição, instabilidade, lentidão, dificuldade de comunicação interpessoal, comportamentos estereotipados, alterações na gestualidade, hipo ou hiperatividade expressam comunicação a serem observadas e que expressam o modo de relação desse corpo com o mundo”.

A partir do relato realizado pela cuidadora anteriormente foi possível detectar por meio da anamnese que as habilidades auditivas do participante estava intactas, sendo possível a realização de uma atividade lúdica com maleta de chocalhos com sons distintos, tendo como principal objetivo a desenvolvimento de vínculo e observação do nível de atenção e discriminação dos sons. Durante este momento o participante reagiu com risos ao barulho dos sons específicos de sons mais suaves (areia, arroz), balançando a cabeça e mostrando atento ao direcionamento dos barulhos, mas no momento em que a observadora realizava o barulho com todos os sons em um só momento, isto parecia lhe incomodar rejeitando com a mão. Em seguida a atividades foi direcionada a verificação dos aspectos das habilidades motoras finas, onde foram concedidos os mesmos instrumentos para que o jovem realizasse o manuseio dos objetos, neste momento específico foi percebido diversas dificuldades apresentadas pelo jovem, (manuseio, preensão dos objetos) apresentadas e dificuldade no nível de concentração na atividade aplicada, apresentando-se cansado, deitando e rejeitando o objeto.

O segundo atendimento foi direcionado através de uma atividade realizada com uma música e em seguida a realização da atividade com massa de modelar caseira com o objetivo de verificar a intenção do participante perante o objeto e a música. Através da estimulação auditiva percebeu-se que o jovem acompanhava com a cabeça o ritmo do som apresentado, porém sentia-se cansado, pois não conseguia manter a cabeça erguida, em seguida foi realizada uma atividade com a massa de modelar caseira, através da estimulação realizada pela observadora e a cuidadora que ao apresentar a atividade ao jovem, parecia diverti-se apresentando reações gestuais (risos, gargalhadas) e intenção olfativa e gustativa, porém ao conceder o instrumento com intenção do jovem realizar o manuseio, o mesmo não tinha intenção de preensão do objeto.

As sessões seguintes foram realizadas através de duas atividades (balão, meleca) com objetivo de verificar diversas reações do participante diante do som da bola e o atenção do mesmo através da meleca a reação diante deste objeto até então desconhecida, podendo também ser um meio pelo qual desenvolvemos a coordenação motora fina. No trabalho da bola sendo realizado com o barulho parecia agradar-lhe, ao secar a bola o mesmo ria sem exitar, e ao estourar a bola apresentava reação de susto. Na atividade com meleca não foi possível verificar respostas positivas, pois ao apresentar este objeto em sua mãos, reagiu com expressões corporais (rejeitando, tremendo-se).

A última atividade foi desenvolvida através de um instrumento lúdico (quadro sensorial) com fim de estimular a coordenação motora fina, noção de preensão a partir da intensidade do som que o objeto realizado no momento do manuseio do participante. Através da estimulação da cuidadora e direcionamento da mediadora, o participante conseguia tirar e colocar EVA na tabua, realizando a preensão por alguns momentos, parecendo gostar do barulho colocar e tirar do objeto (feltro).

Após todas essas sessões realizadas com o jovem observou-se a necessidade de realizar uma entrevista estruturada com a fisioterapeuta que o acompanha em outro contexto a três anos. Esta entrevista concedeu uma compreensão maior a respeito dos aspectos sociais e afetivos do jovem. O relato da fisioterapeuta interliga-se a descrição das cuidadoras, quando ressaltado sobre as capacidades afetivas, onde no início dos primeiros atendimentos foi observado reações de agressividade e medo motivos que levavam a profissional por varias vezes adiar o atendimento. Porém ao passar dos meses foi percebendo-se uma evolução

significativa nas questões que envolvem a interação com o indivíduo com a profissional, onde o jovem passou a permitir o toque. Quando interrogada se a profissional direcionava seus atendimentos a realização de atividades de desenvolvimento sensorial, a mesma ressaltou que não era possível tais estimulações devido ao atendimento ser semanal.

Quando a entrevista foi direcionada a compreensão dos principais fatores que contribuíram para que o jovem não pudesse adquirir às capacidades psicomotoras, a fisioterapeuta respondeu com a seguinte forma “Feche os olhos, perceba que você não vê nada, apenas o escuro, imagine e me responda. Se você fosse privada por quinze anos e consequentemente por não enxergar não pudesse compreender o mundo durante 18 anos, quais as repercussões que isto poderia lhe trazer?” (SIC). No final ela respondeu: “Todo o nosso desenvolvimento que envolve as capacidades psicomotoras, a intenção do simples pegar do objeto e colocá-lo na boca e concedida através da nossa visão e interação com o meio”(SIC). Ao final da entrevista refletimos a uma intervenção mais efetiva, respaldando a importância do desenvolvimento de uma orientação as cuidadoras que estão com o participante cotidianamente, ressaltando a importância que todas têm em seu desenvolvimento e em seguida refletimos sobre a possibilidade de realizar a matrícula do jovem na equoterapia, porém no dia em que as profissionais da casa se direcionaram a equoterapia não foi possível realizar a matrícula do jovem devido alguns problemas organizacionais da própria ONG.

A última entrevista estruturada foi realizada com a fonoaudióloga que acompanha o participante durante um ano e meio, com objetivo de compreender a perspectiva que direciona sua atuação com o jovem, os aspectos que foram avaliados, a forma que o jovem se comunica e em que nível linguístico se encontra, quais os aspectos que foram desenvolvidos, e os aspectos que devem direcionar a ação mais integradora com os profissionais da casa (cuidadoras). De acordo com a fonoaudióloga o meio pela qual é direcionada sua atuação com o participante, desenvolve-se através dos exercícios orafuncionais clássico que visa à tonicidade das articulações mandibulares. As avaliações realizadas pela profissional desenvolviam-se na verificação dos aspectos que envolvem a alimentação, onde o participante só conseguia alimenta-se por mamadeira. Quando questionado se havia algum trabalho desenvolvido nos aspectos que envolvem a autonomia nas pequenas atividades como deglutição e mastigação, por exemplo, foi relatado que este trabalho torna-se inviável devido ao atendimento era apenas semanal e a falta de aparelhos necessários para que a mesma pudesse desenvolver o trabalho eficaz.

A comunicação da profissional com o paciente objeto de estudo de caso, desenvolve-se através da comunicação não verbal, em alguns momentos intencionais, porém sem contexto, pois de acordo com a mesma o jovem apresenta desenvolvimento linguístico de uma criança de seis meses. Quando questionada a respeito da orientação realizada com as cuidadoras do jovem para o desenvolvimento da autonomia como, por exemplo, a transição de uma alimentação pastosa para sólida, a mesma relatou que este trabalho de orientação já havia sido desenvolvido, porém não havia a possibilidade de ter um acompanhamento efetivo, devido à quantidade de cuidadora.

Diante da entrevista realizada com a fisioterapeuta e a fonoaudióloga, o último momento deste trabalho foi direcionado a orientação com todas as cuidadoras, realizada durante dois dias, respaldando a importância que todos os profissionais têm no desenvolvimento do mesmo e da estimulação sensorial para o desenvolvimento de habilidades não adquiridas na fase desenvolvimental do indivíduo. Esta etapa o mais importante deste

trabalho foi de grande significado, pois todas as cuidadoras compartilharam suas experiências, refletiram qual os aspectos que poderiam melhorar de acordo com o ritmo do jovem respaldando o desenvolvimento da autonomia do mesmo na pequenas atividades como alimentar-se no prato com a alimentação pastosa, o desenvolvimento da intenção com significado dos objetos que (escova de dente, prato, Danone..) a fim de conceder significado ao que lhe é apresentado cotidianamente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de avaliação psicopedagógica bem estruturada como estratégia inicial de atuação no Espaço de Acolhimento direciona ao profissional psicopedagogo á uma análise dos aspectos sociais e desenvolvimentais do individuo objeto de estudo de caso, dinâmica de aprendizagem entre acolhido e os recursos que lhe é proporcionado e avaliação de aspectos organizacionais do próprio sistema de acolhimento e os demais contextos em que o individuo é inserido, interação entre profissionais x acolhido, acolhido x profissionais.

De uma forma geral podemos compreender através dos estudos realizados durante a construção do projeto e a análise do estudo de caso, aprendemos que os jovens com paralisia cerebral e déficit visual podem apresentar atrasos e dificuldades nas questões que envolvem o desenvolvimento de aprendizagens sensoriais e linguagem. Porém o desenvolvimento das capacidades sensoriais não adquiridas no desenvolvimento do individuo não pode estar restrito a um fator determinante, pois através da análise avaliativa realizada, percebemos a complexidade que norteia o individuo que apresenta essas determinadas demandas, pois este estudo de caso não se trata apenas de um jovem com dificuldades motoras e visuais, mas de um sujeito que precisou adaptar-se a institucionalização em casa de acolhimento e que em sua infância foi negligenciado em sua esfera psíquica e social.

Durante o acompanhamento do jovem na casa de acolhimento foi observado à importância dos profissionais no desenvolvimento do individuo, pois através de ações multidisciplinar o jovem adaptou-se ao espaço de acolhimento e pode desenvolver-se em alguns aspectos como afetividade. Porém para que houvesse uma avaliação significativa foi necessário medidas de intervenção pensadas pelas teorias que norteia as ações psicopedagógicas e dialogadas com a coordenadora, fisioterapeuta, fonoaudióloga e cuidadoras que acompanham o participante desde momento da institucionalização.

Neste sentido diante da avaliação realizada com o jovem, as intervenções pautadas na multidisciplinaridade na reflexão cotidiana com os profissionais do melhor ensinar a aprender, considerando principalmente o tempo em que o jovem foi negligenciado, o ritmo da aprendizagem do mesmo, podemos afirmar que os objetivos direcionados por uma avaliação coerente e propostas de intervenção foram alcançadas neste trabalho:

A realização da anamnese interligada a escuta desenvolvida com duas cuidadoras sociais respalda pelas propostas de avaliação de Sampaio (2008) concedeu análise da fase desenvolvimental do jovem, principalmente em seu contexto de acolhimento.

A entrevista estruturada realizada com as profissionais (fisioterapeuta, fonoaudióloga) que acompanha o jovem em outro contexto (clinica) foi de extrema relevância, pois concedeu direcionamento de como proceder nas avaliações seguintes, reflexões de atuações mais significativas ao individuo.

Porém a entrevista com os profissionais (cuidadoras, fisioterapeuta, fonoaudióloga) não deve ser o único meio pelo qual avaliamos o instrumento de observação realizada através dos instrumentos lúdicos direcionadas pelos estudos de Oliveira, Bossa (2013) permitiu a observação de diferentes reações do participante perante o objeto apresentado (Nível de interação, capacidades intactas, habilidades a serem desenvolvidas) observação de aspectos que não foram relatados anteriormente pelas profissionais.

As medidas de intervenção desenvolvida pela reflexão com todas as cuidadoras respaldando a importância de todos os profissionais têm no desenvolvimento do jovem foram pensadas através dos estudos de Sánchez, Bonals e organizadores (2008): Avaliação psicopedagógica.

Estes instrumentos concederam respostas significativas à avaliação do desenvolvimento do indivíduo desde momento da institucionalização do jovem, porém devemos ressaltar algumas limitações que impediram uma compreensão extensa do desenvolvimento do indivíduo, levando em consideração as respostas trazidas em seu próprio contexto familiar como significativas ao processo de avaliação, espaço físico individualizado para aplicação das atividades lúdicas e aprofundamento nas teorias que norteiam as práticas direcionadas a uma ação de Educação Não-Formal dentro do espaço de acolhimento.

Nesta perspectiva e diante da avaliação realizada percebemos as intervenções pautadas na multidisciplinaridade é contínua, considerando principalmente o tempo em que o jovem foi negligenciado. Sendo assim para que o jovem se desenvolva em seu ritmo é necessário que toda a equipe de profissionais propicie tempo e espaço contribuindo de forma efetiva em seu desenvolvimento. Dessa forma a equipe do sistema de acolhimento e os demais profissionais responsáveis pelo seu desenvolvimento, levando em consideração o ritmo do jovem, as possíveis dificuldades e habilidades instaladas, poderá trabalhar aprendizagens que não foram estimuladas em seu desenvolvimento, aprendizagens específicas que vai muito além da leitura e escrita, respalda-se em desenvolvimento de estratégias interventivas e recursos proporcionado espaço e de interação do indivíduo com meio que o cerca.

Neste sentido as pesquisas direcionadas as Instituições de acolhimento devem ser baseadas em propostas de Educação não Formal, planejada, estruturada, porém flexível ao cotidiano do acolhido, desenvolvendo-se em propostas de avaliação e intervenção individualizada e multidisciplinar na reflexão cotidiana que cada sujeito é único com histórico de vida que se diferenciam.

ABSTRACT

This work is based on the strategies of psycho-educational evaluation towards a case study of a young boy with motion and visual impairments who lives in a Refuge House. Our main goals are: To develop strategies of psycho-educational evaluation in people with cerebral palsy e visual impairment, in order to find factors which contribute to cognitive and social learning deficiencies; verify through observations responses to ludic activities presented to the young boy and suggest intervention actions which will satisfy the noted needs based on the evaluation. Through the following instruments of Listening/Anamnesis/Structured Interview/Observation connected to the ludic instruments, this research emphasizes the development of an integrated and individualized psycho-educational action in such Refuge Houses, understanding the world where the young boy is in, considering his visual and motion impairments and his lacking of cognitive and academic learning during infancy years. The main theoretical sources were guided by the studies of Sánchez, Bonals and organizers. (2008) and Oliveira and Bossa (2013), where we could notice that the main causes which led the refugee to not acquire the social and academic skills cannot be solely related to cognitive factors, but they are interconnected to different causes of social reasons (vulnerability / social deprivation, etc.).

Keywords: Evaluation. Refuge Houses. Cerebral Palsy. Visual Impairment.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, C. B. S. **Vulnerabilidade juvenil na área metropolitana de Brasília: Construção de um indicador sintético**. 2015. 64 p. Monografia (Graduação em Estatística) - Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação: revista da sociedade portuguesa de ciências da educação**. 2º Série, n. 1, 2014. p. 35-50. ISSN: 2183-1793.

HUGUET, T. Avaliação Psicopedagógica dos alunos e trabalho em rede. In: SÁNCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. (org.). **Avaliação Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 81-98.

MENA, F. V.; SIGUERO, J. Avaliação Psicopedagógica de alunos com déficit visual. In: SÁNCHEZ-CANO, M.; BONALS, J. (org.). **Avaliação Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 214-240.

NOVAES, M. H. A carência Emocional e sua repercussão na adaptação escolar. **Arquivos brasileiros de psicotécnica**, v. 17, n. 2, p. 43-56, 1965. ISSN: 0102-9282.

OLIVEIRA, V.B.; BOSSA, N. A. (org.). **Avaliação psicopedagógica da criança de zero a seis anos**. 20ªed. Petrópolis RJ: Vozes, 2012. Coleção Psicopedagógica e Psicanálise. 223 p.

PARAÍBA. **Plano estadual de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária**. Secretária de estado do desenvolvimento humano, Outubro/ 2013. p. 152.

SAMPAIO, S. **Manual prático do diagnostico psicopedagógico clínico**. 2º. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010. 172 p.

SÁNCHEZ-CANO, M.; BONALS, J.(org.). **Avaliação Psicopedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 400 p.

SERIKAWA, F. M. **A inclusão/ exclusão escolar de crianças e adolescentes em acolhimento institucional**. 2015. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade de Brasília, Brasília. 2015

ANEXOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PSICOPEDAGOGA: HAYANNA GOMES DA SILVA

DATA DA REALIZAÇÃO DA ANAMNESE: 27/07/2016

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME: ([REDAZIDO])

DATA DE NASCIMENTO: 20/01/1998.

CASA DE ACOLHIEMENTO: Morada do Betinho.

BAIRRO: [REDAZIDO]

RESIDENTE: 03 anos.

SERIE: Não ingressou na Escola.

NOME DA CUIDADORA SOCIAL ENTREVISTADA: [REDAZIDO]

IDADE: 46 PROFISSÃO: Técnico em enfermagem.

DEMANDA: Paralisia cerebral e déficit-visual

ENTREVISTA ESTRUTURADA

NOME DA PROFISSIONAL: [REDACTED]

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Fonoaudiologia

1. Qual a perspectiva teórica que fundamenta sua atuação? Justifique.

O acompanhamento direciona-se através de exercícios Oramiofuncionais da Fonoaudiologia clássica que visa a melhoria da tonicidade muscular.

2. Há quanto tempo acompanha o jovem :

Um ano e meio

3. Quais os aspectos foram avaliados no primeiro atendimento?

Questões que envolvem a alimentação (deglutição/intenção desgustativa)

4. Como desenvolve-se a comunicação com [REDACTED] ano?

Comunicação não verbal, o jovem conseguiu expressar-se através de gestos (bater-chutar-abraçar) onde a profissional conseguiu entender determinadas intenções.

5. Você pode dizer em que fase de linguagem desenvolve [REDACTED] iano se encontra?

De acordo com a profissional o apresenta um nível de linguagem de uma criança de 06 meses.

6. Em relação a alimentação [REDACTED] iano é possível que as cuidadoras realizem a transição da alimentação pastosa para a sólida?

Sim, através de estimulação cotidiana.

7. Ao iniciar o acompanhamento foi realizado orientações com as cuidadoras pra que as mesmas pudessem realizar a transição da mamadeira/prato e de uma alimentação líquida/pastosa/sólida.

Sim, porém fica difícil realizar um acompanhamento efetivo devido o numero de cuidadoras por não saber como e atendimento semanal.

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Nome da Profissional: [REDACTED]

Formação profissional: Fisioterapia

1- Qual a perspectiva teórica que fundamenta sua atuação profissional? Justifique. Direciona-se pela abordagem Bobath conceito neuroevolutivo direciona-se por propostas de evoluções motoras, visando o desenvolvimento de padrões posturais normais.

2- Há quanto tempo você acompanha o jovem? 03 anos

3- Quais aspectos foram avaliados nos primeiros atendimentos? Toque: De acordo com a profissional o jovem tinha reações de medo sentia-se coagido não permitia o toque reagindo de maneira hostil com a profissional no momento dos primeiros atendimentos, motivos que levaram ao adiamento de varias sessões.

4- A partir do acompanhamento, foi possível perceber desenvolvimento? Em quais aspectos?

Toque: através de vários meses de sessões o jovem passou a permitir o toque , onde atualmente não apresenta reações de medo ou hostilidade.

7- Qual a maior dificuldade psicomotora apresentada pelo jovem? O paciente não apresenta intenção motora, por exemplo, o simples pegar do objeto e colocar na boca. Não apresenta autonomia nas pequenas atividades vestir-se alimentar-se, de acordo com a fisioterapeuta é necessário que as cuidadoras realizem a transição da mamadeira para o pranto, de uma alimentação líquida para uma pastosa, porém isto deve ser conversado com a fonoaudióloga do próprio centro. Ao longo dos meses as pernas do paciente vêm atrofiando e o mesmo apresenta

8- Você poderia explicar principais causas que levaram o jovem ao não adquirir as capacidades psicomotoras de acordo com seu ritmo e capacidade?

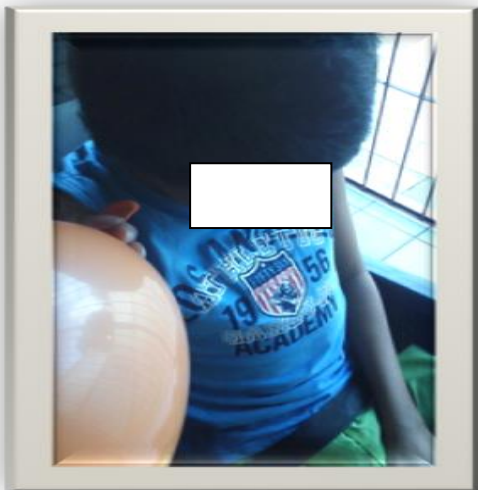
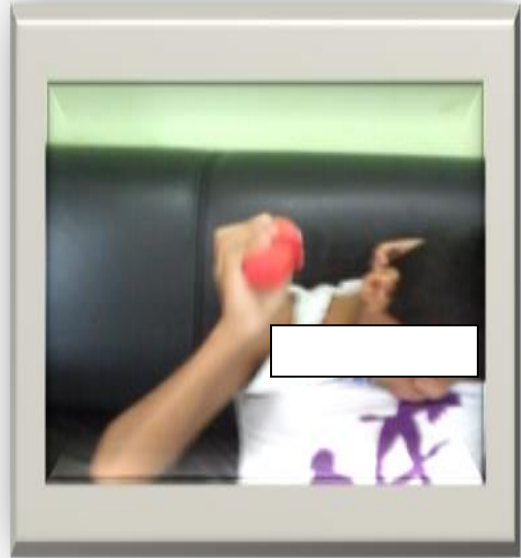
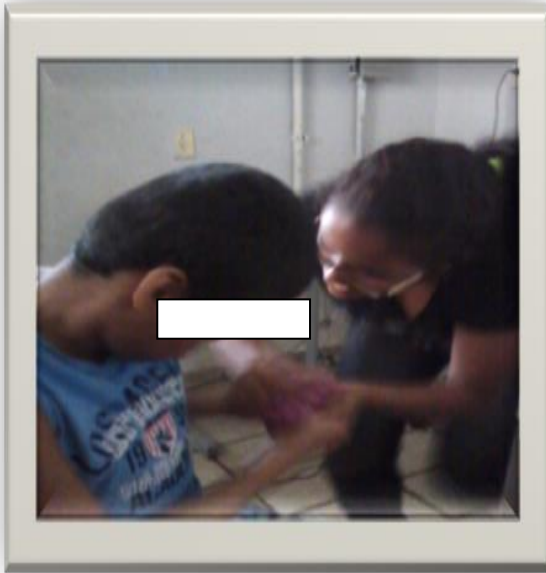
A fisioterapeuta respondeu da seguinte forma **“Feche os olhos, perceba que você não ver nada, apenas o escuro, imagine e me responda. Se você fosse privada por quinze anos e conseqüentemente por não enxergar não pudesse compreender o mundo durante 18 anos, quais as repercussões que isto poderia lhe trazer?”**. No final ela respondeu: **“Todo o nosso desenvolvimento que envolve as capacidades psicomotoras, a intenção do simples pegar do objeto e colocá-la na boca e concedida através da nossa visão e interação com o meio”**. Sendo assim é necessário dar sentido a tudo que é apresentado ao mesmo, pra este possa desenvolver a intenção diante dos objetos que lhe é proporcionando cotidianamente. Esta estimulação e cotidiana e requer insistência por parte das cuidadoras que o acompanham na casa.

09- Você Conhece a Equoterapia?

Sim

10- Você orientaria a participação do jovem na equitação? Justifique

Sim, seria um espaço de estímulo a mais, porém na equoterapia ele deverá passar por procedimentos avaliativos, onde será possível se ele é apto para realizar a equitação.



AGRADECIMENTOS

Em um mundo onde realizamos tudo de modo corrido não poderia parar e deixar de agradecer a todos que contribuíram para realização deste Projeto. Primeiramente não poderia deixar agradecer a um dos maiores Mestres a Jesus Cristo-Deus a ELE toda Honra e todo Mérito realizado por intermédio deste projeto. Quero agradecer também a minha família, mas principalmente a minha mãe que abdicou os seus sonhos para realizar os meus, a ela minha eterna gratidão.

De uma maneira especial quero agradecer a minha orientadora Quezia Vila Flor Furtado por ter confiado em minhas capacidades e ter concedido uma das maiores propostas de atuação em que já recebi realizado por intermédio do Projeto: “A escolarização que promove superação de dificuldades e necessidades de vida de adolescentes residentes em casas de acolhimento” Probex, e a minha avaliadora e professora Geovani Soares de Assis a vocês minha eterna gratidão.

Não poderia deixar de agradecer a todos os amigos que sonharam comigo na realização deste artigo: Luana, Daniel, Jessica, Jessica, Thais, Esthefany, Thabita, Raquel, Janiely e aos amigos mais chegados que um irmão Felipe Cunha e Hander Haim. De modo singelo também agradeço a todos os líderes de um projeto em que hoje também sou líder ao clube de desbravadores, obrigada a todos que me direcionaram no desenvolvimento dos meus aspectos físico, mental e espiritual e me ensinaram a realizar tudo com esforço e excelência.

A todos os colegas de sala e professores do Curso de Psicopedagogia muito obrigada por todo conhecimento compartilhado, tornando assim a minha caminhada menos árdua, obrigada a todos. E por fim, mas não menos importante, agradeço a todos os profissionais da Casa de Acolhimento que contribuíram e confiaram em meu trabalho, muito obrigada.